



Fitzgerald vai a Hollywood
José Geraldo Couto

As histórias de Pat Hobby

O pedido de Natal de Pat Hobby
No meio do caminho
“Fervam água — muita água”
Em parceria com o gênio
Pat Hobby e Orson Welles
O segredo de Pat Hobby
Pat Hobby, pai putativo
O lar das estrelas
Pat Hobby faz sua parte
A pré-estreia de Pat Hobby
Não custa tentar
Um curta-metragem patriótico
No rastro de Pat Hobby
Diversão no ateliê de uma artista
Dois veteranos
Mais poderosos que a espada
Os tempos de faculdade de Pat Hobby

Autor

Créditos

Fitzgerald vai a Hollywood

José Geraldo Couto

A relação intermitente e conflituosa de F. Scott Fitzgerald com a indústria do cinema rendeu dois livros notáveis, a um tempo contrastantes e complementares: o romance inacabado *O último magnata* e a série de contos que compõe este volume.

Se o romance — cujo protagonista, Monroe Stahr, é inspirado no lendário produtor Irving Thalberg (1899-1936) — pode ser lido como uma tragédia ambientada na era dos grandes estúdios, *As histórias de Pat Hobby* são uma espécie de “lado B” desse mesmo contexto, escritas “com a pena da galhofa e a tinta da melancolia”, como as memórias de Brás Cubas.

O clichê mais comum, ainda que equivocado, a respeito de Pat Hobby consiste em vê-lo como um alter ego de Fitzgerald. À parte o ofício comum — escrever roteiros para os estúdios — e um fraco pela bebida e pelas garotas, os dois não poderiam ser mais díspares. Ao contrário do autor de *O grande Gatsby* e dos *Contos da era do jazz*, reconhecido hoje como um dos grandes escritores norte-americanos do século XX, Hobby é um vigarista consumado, intelectualmente tosco e moralmente pouco confiável, sempre pronto a aplicar algum tipo de golpe, que sua incompetência invariavelmente transforma num desastre.

Hoje pouco mais do que um pária a bater nas portas de produtores que o querem ver pelas costas, Pat suspira pelos “velhos e bons tempos do cinema mudo”, em que “a gente contava com um enredo fornecido por alguém, uma secretária esperta e um bocado de anfetamina para regurgitar uma ‘estrutura’ seis a oito horas por semana. O diretor se encarregava das gags”.

Fitzgerald sabe do que está falando. Sua primeira passagem por Hollywood deu-se em 1927, ainda na época do silencioso,

quando ele estava no auge do sucesso conquistado com livros como *Este lado do paraíso*, *O grande Gatsby* e *Contos da era do jazz*. Embora breve e pouco produtiva, foi nessa primeira estada que Fitzgerald conheceu Thalberg, o todo-poderoso chefe de estúdio da MGM, para quem voltaria a trabalhar, também sem muitos resultados concretos, em 1931.

A terceira e mais longa temporada de Fitzgerald em Hollywood iniciou-se em meados de 1937 e durou até sua morte, de infarto, em dezembro de 1940, aos 44 anos. A essa altura, ele havia atravessado um duro período de ostracismo, marcado pelos problemas com o álcool e com as sucessivas internações da esposa, Zelda Scott, diagnosticada como esquizofrênica. O escritor estava tão desprestigiado que chegou a cogitar o uso de pseudônimos, por achar que seu nome mais repelia do que atraía leitores.

Apesar de ter trabalhado em dezenas de roteiros (incluindo o de ... *E o vento levou*, de 1939), o nome de Fitzgerald aparece em relativamente poucos créditos, em parte porque sua participação se diluía na linha de produção dos grandes estúdios e em parte porque sua instabilidade o levava muitas vezes a ser demitido antes de concluir o trabalho. Tentando explicar esse seu insucesso, o diretor Billy Wilder, que o apreciava como amigo e o admirava como escritor, definiu-o como “um grande escultor que é contratado para fazer um serviço de encanador”: “Ele não sabia conectar os canos de modo a fazer a água fluir”.

Outros escritores de primeiro time, como William Faulkner e Raymond Chandler, também tiveram seus atritos com a indústria, mas com resultados mais palpáveis. Era, de todo modo, um trabalho bem remunerado: em seus últimos contratos com a MGM, Fitzgerald chegou a receber 1250 dólares por semana. Nos períodos de vacas magras, seu sustento era garantido pela venda de contos e artigos para revistas.

É o caso das dezessete histórias deste livro, publicadas à razão de uma por mês nas páginas da *Esquire* entre janeiro de 1940 e maio de 1941. As últimas delas, portanto, só vieram à luz depois da morte do escritor. E só foram reunidas em livro mais de duas

décadas depois, em 1962. Nestas páginas o leitor encontrará a prosa envolvente de Fitzgerald, seu humor irônico e, sobretudo, sua profunda e poética compreensão do fracasso humano.

As histórias de Pat Hobby

O pedido de Natal de Pat Hobby

I

Era véspera de Natal no estúdio. Por volta das onze da manhã, o Papai Noel já havia visitado a maior parte da enorme população local, de acordo com o merecimento de cada um.

Presentes suntuosos de produtores para estrelas, e de agentes para produtores, chegavam aos escritórios e aos bangalôs do estúdio: em todos os andares falava-se dos regalos galhofeiros de elencos para diretores e de diretores para elencos; o champanhe corraera solto do departamento de publicidade para a imprensa. E gratificações de cinquenta, dez e cinco dólares de produtores, diretores e roteiristas caíam como maná sobre a classe dos funcionários.

Havia exceções nesse tipo de transação. Pat Hobby, por exemplo, que conhecia muito bem o jogo graças a duas décadas de experiência ali, tivera a ideia de se livrar de sua secretária no dia anterior. A qualquer momento lhe mandariam uma nova — mas ela dificilmente esperaria ganhar um presente em seu primeiro dia.

À espera dela, ele caminhava pelo corredor, espiando pelas portas entreabertas dos escritórios em busca de algum sinal de vida. Deteve-se para conversar com Joe Hopper, do departamento de roteiros.

“Não é como nos velhos tempos”, queixou-se. “Naquela época havia uma garrafa em cada mesa.”

“Tem algumas por aí.”

“Não muitas”, suspirou Pat. “E depois a gente passava um filme — feito com as sobras da sala de montagem.”

“Ouvi falar. Todos os trechos que tinham sido cortados.”

Pat concordou com a cabeça, os olhos brilhando.

“Ah, como era picante! A gente ficava com dor de barriga de tanto rir...”

Interrompeu-se ao avistar uma mulher, de bloquinho na mão, entrando em sua sala no final do corredor, o que o trouxe de volta ao lamentável tempo presente.

“Gooddorf me fez trabalhar no feriado”, queixou-se com amargura.

“Eu não toparia.”

“Eu também não, só que minhas quatro semanas terminam na próxima sexta-feira e, se eu me negasse, ele não me daria uma prorrogação.”

Enquanto ele se afastava de volta à sua sala, Hopper já sabia que, fosse como fosse, não haveria prorrogação alguma. Pat fora contratado para roteirizar um faroeste fora de moda e os rapazes que estavam “escrevendo às suas costas” — isto é, reescrevendo o material dele — diziam que suas ideias eram todas velhas e algumas delas nem faziam sentido.

“Sou a srta. Kagle”, disse a nova secretária de Pat.

Tinha uns trinta e seis anos, era bonita, tristonha, cansada, diligente. Foi até a máquina de escrever, examinou-a, sentou-se e caiu no choro.

Pat se espantou. O autocontrole, ao menos por parte dos subalternos, era a regra por ali. Já não era ruim o bastante estar trabalhando na véspera de Natal? Bem, menos mau que estar sem trabalho algum. Foi até a porta e a fechou — alguém que passasse poderia desconfiar que ele estivesse insultando a moça.

“Anime-se”, ele aconselhou. “É Natal.”

O ímpeto da emoção tinha refluído. Agora ela estava sentada, ereta, abafando os soluços e enxugando os olhos.

“Nada é tão ruim quanto parece”, ele afiançou, sem grande convicção. “O que foi, afinal? Vão te demitir?”

Ela balançou a cabeça negativamente, deu uma fungada para acabar com todas as fungadas e abriu seu bloco de anotações.

“Para quem você estava trabalhando?”

Ela rilhou os dentes ao responder.

“Para o sr. Harry Gooddorf.”

Pat arregalou os olhos permanentemente injetados. Agora se lembrava de tê-la visto na antessala de Harry.

“Desde 1921. Dezoito anos. E ontem ele me mandou de volta ao departamento pessoal. Disse que eu o deprimia — que o fazia lembrar que estava ficando velho.” O rosto dela estava crispado. “Não era assim que ele falava comigo depois do expediente dezoito anos atrás.”

“É, naquele tempo ele vivia atrás de um rabo de saia”, disse Pat.

“Eu devia ter feito alguma coisa na época, quando tive a chance.”

Pat sentiu impulsos virtuosos.

“Quebra de contrato? Não seria convincente!”

“Mas eu tinha uma coisa em que me agarrar. Uma coisa maior que uma quebra de contrato. Ainda tenho. Mas, na época, achava que estava apaixonada por ele, sabe?” Ela refletiu por um momento. “Quer me ditar alguma coisa agora?”

Pat se lembrou do seu trabalho e abriu um roteiro.

“É uma inserção”, começou. “Cena 114-A.”

Passou a perambular pela sala.

“Externa. Plano aberto da planície”, decretou. “Buck e mexicanos se aproximam da *hyacenda*.”

“Do quê?”

“Da *hyacenda* — a casa da fazenda.” Lançou a ela um olhar de reprovação. “114-B. Plano e contraplano: Buck e Pedro. Buck: ‘Filho da puta. Vou arrancar suas tripas!’”

A srta. Kagle ergueu os olhos, espantada.

“Quer mesmo que eu escreva isso?”

“Claro.”

“Não vai passar.”

“Sou eu que estou escrevendo. Claro que não vai passar. Mas se eu puser ‘Seu rato!’, a cena não vai ter força nenhuma.”

“Mas alguém vai acabar tendo que mudar para ‘Seu rato!’, não vai?”

Ele a encarou fixamente — não queria ficar mudando de secretária todo dia.

“Harry Gooddorf que se preocupe com isso.”

“O senhor está trabalhando para o sr. Gooddorf?”, perguntou a srta. Kagle, alarmada.

“Até que ele me mande embora.”

“Eu não devia ter dito...”

“Não se preocupe”, ele a tranquilizou. “Ele não é mais meu camarada. Não por trezentos e cinquenta dólares por semana, quando eu costumava ganhar dois mil... Onde eu estava mesmo?”

Voltou a andar de um lado para o outro, repetindo a última fala do roteiro em voz alta com satisfação. Mas agora ela não parecia se aplicar a um personagem da história, e sim a Harry Gooddorf. De repente ficou imóvel e em silêncio, perdido em pensamentos. “Me diga, o que você tem para comprometê-lo? Sabe onde o corpo está enterrado?”

“Isso é real demais para ser engraçado.”

“Ele apagou alguém?”

“Sr. Hobby, lamento muito ter aberto a minha boca.”

“Me chame de Pat. Qual é o seu primeiro nome?”

“Helen.”

“Casada?”

“No momento, não.”

“Bem, escute, Helen: o que me diz de jantar comigo?”

II

Na tarde do dia de Natal ele ainda tentava extrair o segredo dela. Tinham o estúdio praticamente para eles — só uma equipe mínima de gente da técnica pontuava aqui e ali as calçadas e o prédio do refeitório. Tinham trocado presentes de Natal. Pat deu a ela uma nota de cinco dólares, Helen lhe trouxe um lenço de linho branco. Ele se lembrava muito bem dos dias em que várias dúzias de lenços daqueles eram sua colheita de Natal.

O roteiro progredia a passo de tartaruga, mas a amizade entre eles amadurecera consideravelmente. O segredo dela, ele

pensava, era um bem muito valioso, e ele se perguntava quantas carreiras tinham se alicerçado num bem como aquele. Alguns, ele não tinha dúvida, haviam conquistado fortuna dessa maneira. Ora, era quase tão bom quanto ser da família, e ele visualizou uma conversa imaginária com Harry Gooddorf.

“Harry, o negócio é o seguinte. Eu não acho que a minha experiência esteja sendo bem aproveitada. São os fedelhos metidos que devem se ocupar de escrever — eu deveria passar para a supervisão.”

“Senão...”

“Senão já sabe”, dizia Pat com firmeza.

Estava no meio desse devaneio quando Harry Gooddorf entrou inesperadamente.

“Feliz Natal, Pat”, disse, jovialmente. Seu sorriso ficou menos robusto quando viu Helen. “Oh, olá, Helen — não sabia que você e Pat estavam trabalhando juntos. Mandeí ao departamento de roteiros uma lembrancinha para você.”

“Não precisava.”

Harry se virou prontamente para Pat.

“O chefe está pegando no meu pé”, disse. “Preciso ter um roteiro finalizado até quinta-feira.”

“Bom, cá estou”, disse Pat. “Você terá o roteiro. Por acaso alguma vez eu te deixei na mão?”

“Muitas vezes”, disse Harry. “Muitas vezes.”

Parecia a ponto de acrescentar alguma coisa quando um mensageiro entrou com um envelope e o entregou a Helen Kagle — ao que Harry se virou e saiu às pressas.

“Foi bom mesmo ele sair daqui!”, desabafou a srta. Kagle, depois de abrir o envelope. “Dez dólares — míseros *dez* dólares — de um executivo... depois de dezoito anos de trabalho.”

Era a chance de Pat. Sentando sobre a mesa dela, ele lhe expôs seu plano.

“Vai ser vida mansa pra você e pra mim”, disse. “Você como chefe de um departamento de roteiros, eu como produtor associado. Teremos mamata para sempre: chega de escrever, chega de martelar as teclas. A gente até poderia — poderia

mesmo —, se tudo correr bem, a gente poderia casar.”

Ela hesitou por um bom tempo. Ao vê-la colocar uma fita nova na máquina de escrever, Pat temeu que tivesse perdido a parada.

“Consigo escrever de memória”, disse ela. “Foi essa a carta que *ele próprio* datilografou em 3 de fevereiro de 1921. Ele a selou e me mandou postá-la no correio — mas havia uma loura em que ele estava interessado, e eu fiquei me perguntando por que ele faria tanto segredo em relação a uma carta.”

Helen tinha começado a datilografar enquanto falava, e agora entregava a Pat um bilhete.

Para Will Bronson
First National Studios
Pessoal

Caro Bill:

Matamos Taylor. Devíamos ter cuidado dele antes. Então, por que não ficar de bico calado?

Afetuosamente, Harry

Pat ficou olhando para a carta, estupefato.

“Entendeu?”, disse Helen. “Em 1º de fevereiro de 1921 alguém assassinou William Desmond Taylor, o diretor. E nunca descobriram quem foi.”

III

Por dezoito anos ela guardara o bilhete original, com envelope e tudo. Tinha mandado apenas uma cópia para Bronson, imitando a assinatura de Harry Gooddorf.

“Estamos feitos, baby!”, disse Pat. “Sempre achei que uma garota é que tivesse pegado o Taylor.”

Estava tão empolgado que abriu uma gaveta e tirou de dentro uma garrafinha de uísque. Então, depois de pensar mais um pouco, perguntou:

“Está num lugar seguro?”

“Pode ter certeza. Ele nunca adivinharia onde.”

“Pegamos o sujeito, baby!”

Dinheiro, carros, garotas, piscinas, desfilaram numa sequência resplandecente diante dos olhos de Pat.

Ele dobrou o bilhete, enfiou-o no bolso, tomou outro gole e pegou o chapéu.

“Você vai vê-lo agora?”, perguntou Helen, com certo alarme. “Ei, espere pelo menos eu sair do estúdio. *Eu* é que não quero ser assassinada.”

“Não se preocupe! Olha, te encontro na Muncherie, na esquina da Quinta com a La Brea — em uma hora.”

Enquanto caminhava até o escritório de Gooddorf, ele decidiu não mencionar nenhum fato ou nome dentro dos limites do estúdio. No breve período em que dirigira um departamento de roteiros, Pat concebera o plano de instalar um ditafone na sala de cada roteirista. Assim, a lealdade de cada um para com os executivos do estúdio poderia ser verificada várias vezes ao dia.

A ideia fora motivo de riso. Mais tarde, porém, quando se viu “rebaixado a escritor de novo”, ele sempre se perguntou se seu plano não teria sido adotado em segredo. Quem sabe algum comentário indiscreto dele próprio fosse responsável pela masmorra em que tinha sido mantido na última década. Sendo assim, foi com a ideia de ditafones escondidos na cabeça, ditafones que podiam ser acionados por um toque da ponta do pé, que entrou na sala de Harry Gooddorf.

“Harry...”, escolheu as palavras com cuidado, “você se lembra da noite de 1º de fevereiro de 1921?”

Um tanto atônito, Gooddorf se recostou em sua cadeira giratória.

“O quê?”

“Tente lembrar. É uma coisa muito importante para você.”

A expressão de Pat, ao observar o amigo, era a de um agente funerário ansioso.

“Primeiro de fevereiro de 1921”, ruminou Gooddorf. “Não. Como é que eu poderia lembrar? Você acha que mantenho um

diário? Não sei nem onde estava na época.”

“Você estava aqui mesmo em Hollywood.”

“É provável. Mas, se você sabe, me diga.”

“Você vai lembrar.”

“Vejam. Eu vim da costa leste em 1916. Fiquei na Biograph até 1920. Será que eu estava fazendo alguma comédia? É isso. Eu estava produzindo um filme chamado *Soco-inglês* — em locação.”

“Você não estava na locação o tempo todo. Estava na cidade em 1º de fevereiro.”

“Mas o que é isto?”, perguntou Gooddorf. “Um interrogatório?”

“Não... mas tenho algumas informações sobre seus atos naquela data.”

O rosto de Gooddorf ficou vermelho; por um momento pareceu que ele iria jogar Pat para fora da sala — então, de repente, ele ofegou, lambeu os lábios e ficou olhando fixamente para sua mesa.

“Ah”, disse, depois de um minuto. “Mas não vejo em que isso possa ser da sua conta.”

“É da conta de todo homem decente.”

“E desde quando você é um homem decente?”

“Desde sempre”, disse Pat. “E, mesmo que eu não fosse, nunca fiz nada desse tipo.”

“Uma ova!”, disse Harry com desprezo. “Logo *você*, me aparecendo aqui com uma auréola na cabeça! De todo modo, cadê a prova? Do jeito que você fala, até parece que tem uma confissão escrita. Isso tudo já foi esquecido há muito tempo.”

“Não na memória de um homem decente”, disse Pat. “E quanto à confissão escrita — eu tenho uma.”

“Duvido. E duvido que se sustentasse em qualquer tribunal. Alguém te enganou.”

“Eu vi a confissão”, disse Pat, cada vez mais confiante. “E ela basta para te levar à força.”

“Bom, eu juro por Deus, se isso vazar, eu te expulso da cidade.”

“Você *me* expulsa?”

“Não quero publicidade nenhuma.”

“Então acho melhor você vir comigo. Sem contar pra ninguém.”

“Aonde vamos?”

“Conheço um bar onde podemos ficar a sós.”

A Muncherie estava de fato deserta, exceto pelo barman e por Helen Kagle, sentada a uma mesa, tensa e alarmada. Ao vê-la, a expressão de Gooddorf mudou para a de uma infinita contrariedade.

“Que Natal dos infernos”, disse ele, “com minha família me esperando em casa há uma hora. Quero saber qual é a questão. Você diz que está de posse de alguma coisa escrita por mim.”

Pat tirou o papel do bolso e leu a data em voz alta. Em seguida ergueu os olhos e se apressou em dizer:

“Isto é só uma cópia, portanto nem tente tirar da minha mão.”

Ele conhecia a técnica desse tipo de cena. Quando a onda dos faroestes entrou temporariamente em refluxo, tinha quebrado a cabeça numa porção de filmes policiais.

“Para William Bronson. Caro Bill: Matamos Taylor. Devíamos ter cuidado dele antes. Então, por que não ficar de bico calado? Afetuosamente, Harry.”

Pat fez uma pausa. “Você escreveu isto em 3 de fevereiro de 1921.”

Silêncio. Gooddorf se virou para Helen Kagle.

“*Você* fez isso? Eu ditei pra você?”

“Não”, admitiu ela, com uma voz amedrontada. “Você mesmo escreveu. Eu abri a carta.”

“Entendo. Bem, o que vocês querem?”

“Muita coisa”, disse Pat, sentindo satisfação com o som das palavras.

“O quê, exatamente?”

Pat desatou a descrever uma carreira conveniente a um homem de quarenta e nove anos. Uma carreira reluzente, que se expandia rapidamente em beleza e poder ao longo do tempo que ele precisou para tomar três grandes doses de uísque. Mas a uma

exigência específica ele retornava a todo momento.

Queria ser nomeado produtor já no dia seguinte.

“Por que amanhã?”, perguntou Gooddorf. “Não dá para esperar?”

De repente havia lágrimas nos olhos de Pat. Lágrimas de verdade.

“É Natal”, disse ele. “É meu pedido de Natal. Comi o pão que o diabo amassou. Esperei tanto tempo.”

Gooddorf se levantou de repente.

“Não”, disse ele. “Não vou te promover a produtor. Não posso fazer isso, por lealdade à empresa. Prefiro enfrentar um processo.”

Pat ficou boquiaberto.

“O quê? Não vai?”

“Sem chance. Prefiro ser enforcado.”

Virou as costas, com o rosto impassível, e dirigiu-se para a porta.

“Tudo bem!”, Pat gritou para ele. “É sua última chance.”

De repente viu, com espanto, Helen Kagle saltar da cadeira e correr até Gooddorf — tentando se abraçar a ele.

“Não se preocupe!”, ela gritou. “Eu vou rasgar a carta, Harry! Era brincadeira, Harry...”

Sua voz morreu de um momento para outro quando ela percebeu que Gooddorf estava se sacudindo de tanto rir.

“Qual é a graça?”, perguntou, furiosa de novo. “Você acha que não tenho a carta?”

“Ah, tem sim, tudo bem”, rugiu Gooddorf. “Você tem a carta — mas ela não é o que você pensa.”

Ele voltou para a mesa, sentou e dirigiu-se a Pat.

“Sabe o que eu pensei que essa data significava? Pensei que talvez fosse o dia em que Helen e eu nos engraçamos pela primeira vez. Foi isso o que eu pensei. E achei que ela fosse fazer um escarcéu em torno disso. Achei que ela estava maluca. Ela se casou duas vezes depois daquilo, e eu também.”

“Isso não explica o bilhete”, disse Pat com firmeza, mas com uma sensação de estar afundando. “Você admite que matou

Taylor.”

Gooddorf concordou com a cabeça.

“Ainda acho que muitos de nós o matamos”, disse. “Éramos uma turma desenfreada — Taylor, Bronson, eu e metade dos rapazes que andavam cheios da grana. Então eu e alguns outros nos juntamos e combinamos que íamos sossegar o facho. O país estava louco para pegar alguém pra Cristo. Tentamos convencer Taylor a tomar cuidado, mas ele não deu ouvidos. Então, em vez de colocar um freio nele, deixamos que seguisse na ‘vida louca’. E algum patife o liquidou — quem foi eu não sei.”

Ele se levantou.

“Do mesmo modo, alguém deveria ter dado um jeito em *você*, Pat. Mas você era um sujeito divertido naquele tempo e, além disso, estávamos muito ocupados.”

Pat fungou de repente.

“Vocês têm cuidado de mim”, disse ele. “Até demais.”

“Mas agora é tarde demais”, disse Gooddorf, e acrescentou: “A esta altura você deve ter um novo pedido de Natal, e eu posso quebrar seu galho. Não vou contar nada sobre esta tarde.”

Depois que ele saiu, Pat e Helen ficaram sentados em silêncio. Pat pegou de novo o bilhete e passou os olhos por ele.

“Então por que não ficar de bico calado?”, leu em voz alta. “Ele não explicou isso.”

“Por que *não* ficar de bico calado?”, disse Helen.

*image
not
available*

“Bem, pensei que seria dramático se houvesse um velho por ali enquanto eles encaixotam os quadros. Um pobre velho, que tenta arranjar um bico ajudando-os. Mas ele não serve para eles — está no meio do caminho — nem como bucha de canhão. Querem gente jovem e forte neste mundo. E acontece que ele é o homem que pintou aqueles quadros muitos anos antes.”

Pat refletiu.

“É bom, mas não entendo”, disse.

“Ah, não é grande coisa, serve para um curta, talvez.”

“Tem alguma ideia boa para um longa? Eu tenho trânsito com todo mundo por aqui.”

“Estou sob contrato.”

“Use outro nome.”

O telefone dela tocou.

“Sim, aqui é a Pricilla Smith”, disse a moça.

Depois de um minuto ela se virou para Pat.

“O senhor me dá licença? É um telefonema pessoal.”

Ele entendeu e saiu da sala, caminhando pelo corredor. Ao encontrar uma sala sem nome na porta, entrou e adormeceu no sofá.

II

No final daquela tarde ele voltou à sala de espera de Jack Berners. Tinha uma ideia sobre um homem que encontra uma moça num escritório e acha que ela é estenógrafa, mas na verdade é uma escritora. Ele a contrata como estenógrafa, porém, e eles partem para os mares do Sul. Era um começo, algo para contar a Jack, pensou — e, imaginando Pricilla Smith, recauchutou alguns materiais velhos que há tempos não via ninguém usar.

Ficou bem empolgado com aquilo — sentiu-se rejuvenescido por um momento, caminhando de um lado para outro da sala de espera e ensaiando mentalmente a primeira sequência. “Então temos aqui uma situação como a de *Aconteceu naquela noite*^[3] —

*image
not
available*

“Fervam água — muita água”

Sentado em sua sala no Edifício dos Escritores, Pat Hobby contemplava seu trabalho matinal, logo depois de voltar do departamento de roteiros. Estava fazendo um “polimento”, praticamente o único tipo de trabalho que conseguia nesses dias. Precisava consertar às pressas uma sequência confusa, mas a palavra “pressa” nem o apavorava nem o inspirava, pois Pat estava em Hollywood desde os trinta anos — agora tinha quarenta e nove. Todo o trabalho que fizera naquela manhã (com exceção de pequenas mudanças em algumas falas para poder reivindicá-las como suas) — tudo o que tinha de fato inventado — era uma única frase no imperativo, dita por um médico.

“Fervam água — muita água.”

Era uma boa fala. Tinha saltado pronta e inteira à sua mente logo que ele leu o script. Nos velhos tempos do cinema mudo, Pat a teria usado como letreiro e eliminado qualquer preocupação com o diálogo por um tempo, mas agora ele precisava que a cena tivesse algumas palavras ditas por outras pessoas. Nada lhe ocorria.

“Fervam água”, repetia para si mesmo. “Muita água.”

O verbo ferver trouxe-lhe uma breve e prazerosa lembrança do refeitório. Uma lembrança reverente também: para um veterano como Pat, as pessoas com quem você se sentava no almoço eram mais importantes para se dar bem do que as coisas que você ditava em sua sala. Aquilo não era uma arte, ele costumava dizer — aquilo era uma indústria.

“Isto não é arte coisa nenhuma”, comentou com Max Leam, que tomava displicentemente um copo d’água no bebedouro do corredor. “Isto é uma indústria.”

Max lhe jogara aquele oportuno osso de três semanas de trabalho a trezentos e cinquenta dólares por semana.

*image
not
available*

Em pé, ao lado da Grande Mesa, estava um figurante. Um cossaco russo com um bigode feroz. Suas mãos estavam pousadas no encosto de uma cadeira vazia entre o diretor Paterson e o produtor Leam.

“Está ocupada?”, perguntou ele, com um forte sotaque da Europa central.

Todos os rostos em torno da Grande Mesa se voltaram imediatamente para ele, espantados. Antes do primeiro olhar atento, a suposição era de que ele devia ser um ator conhecido. Mas não era: trajava um daqueles uniformes multicoloridos que salpicavam o salão.

Alguém na mesa disse: “Está ocupada”. Mas o homem puxou a cadeira e se sentou.

“Preciso comer em algum lugar”, observou, com um esgar.

Um arrepio percorreu as mesas vizinhas. Pat Hobby encarava a cena com a boca aberta. Era como se alguém tivesse rabiscado o Pato Donald no meio da *Última ceia*.

“Olhe só isso”, ele alertou Helen. “O que vão fazer com o sujeito! Rapaz!”

O silêncio pasmo na Grande Mesa foi rompido por Ned Harman, o gerente de produção.

“Esta mesa está reservada”, disse ele.

O figurante ergueu os olhos do menu.

“Me disseram pra sentar em qualquer lugar.”

Acenou chamando uma garçonete — que hesitou, buscando uma resposta no rosto de seus superiores.

“Os figurantes não comem aqui”, disse Max Leam, ainda com educação. “Esta é uma...”

“Eu vou comer”, cortou o cossaco, teimosamente. “Fiquei seis horas de pé enquanto filmavam aquela mixórdia nojenta e agora eu vou comer.”

O silêncio se espalhara — no campo de visão de Pat, tudo parecia estar em suspenso.

O figurante sacudiu a cabeça negativamente, enfadado.

“Num sei quem fez aquela joça”, disse ele — e Max Leam se empertigou na cadeira —, “mas é a porcaria mais ordinária que

*image
not
available*

costumava ser bom de estrutura.”

“*Costumava ser!*”

“Está bem, talvez ainda seja.” Jack sorriu, irradiando um encorajamento momentâneo. “Arranje uma sala para você e se entenda com René Wilcox.” Quando Pat estava saindo, ele o chamou de volta e estendeu-lhe uma cédula. “Antes de mais nada, compre um chapéu novo. Você costumava arrancar suspiros das secretárias nos velhos tempos. Não vá desistir aos quarenta e nove!”

No Edifício dos Escritores, Pat deu uma olhada no painel informativo na parede do saguão e depois foi bater na porta da sala 216. Não houve resposta, mas ele entrou e se deparou com um jovem louro e esbelto de uns vinte e cinco anos olhando melancolicamente para fora da janela.

“Olá, René!”, disse Pat. “Sou seu parceiro.”

O olhar de Wilcox questionava até mesmo sua existência, mas Pat continuou com entusiasmo: “Eu soube que vamos dar um tapa num material juntos. Já trabalhou em parceria alguma vez?”

“Nunca escrevi para o cinema antes.”

Embora isso aumentasse a chance de Pat ter seu nome nos créditos, algo de que estava tremendamente necessitado, significava também que ele talvez tivesse que labutar um tanto. Só de pensar nisso ele ficou com sede.

“É diferente de escrever teatro”, sugeriu, com a devida gravidade.

“Sim — eu li um livro a respeito.”

Pat teve vontade de rir. Em 1928, ele e outro sujeito haviam engendrado um engana-trouxa desse tipo, *Segredos da escrita para cinema*. Teria rendido um bom dinheiro se os filmes não tivessem começado a falar.

“Parece bem simples”, disse Wilcox. De repente apanhou o chapéu no porta-chapéus. “Agora tenho que ir.”

“Não quer conversar sobre o roteiro?”, perguntou Pat. “O que você já fez até agora?”

“Não fiz nada”, disse Wilcox ponderadamente. “Aquele

*image
not
available*

“O que você fez? Um tratamento?”

“Não, um roteiro de filmagem. No começo fiquei paralisado por preocupações pessoais, mas, depois que comecei, foi muito simples. É só a gente se colocar atrás da câmera e sonhar.”

Pat se levantou, espantado.

“Mas supostamente deveríamos trabalhar juntos. Jack vai ficar furioso.”

“Sempre trabalhei sozinho”, disse Wilcox educadamente. “Explicarei a Berners esta tarde.”

Pat voltou a se sentar, atordoado. E se o roteiro de Wilcox fosse bom — mas como um primeiro roteiro podia ser bom? Wilcox deveria tê-lo apresentado a ele à medida que escrevia; então quem sabe eles *tivessem* alguma coisa.

O medo fez sua cabeça começar a trabalhar — foi atingido por sua primeira ideia original desde que assumira aquele trabalho. Telefonou para o departamento de roteiros, chamou Katherine Hodge e, quando ela veio à sua sala, contou-lhe o que queria. Katherine hesitou.

“Eu só quero *ler* a coisa”, Pat se apressou a dizer. “Se Wilcox estiver lá, você não vai poder pegar, claro. Mas talvez ele não esteja.”

Esperou com ansiedade. Em cinco minutos ela estava de volta com o roteiro.

“Não está mimeografado e nem sequer encadernado”, disse ela.

Ele estava diante da máquina de escrever, tremendo enquanto datilografava uma carta com dois dedos.

“Posso ajudar?”, ela perguntou.

“Me arranje um envelope em branco, um selo usado e um pouco de cola.”

Pat selou a carta ele mesmo e em seguida deu instruções:

“Apure os ouvidos diante da sala de Wilcox. Se ele estiver lá, enfie o envelope por baixo da porta. Se tiver saído, mande um office boy entregá-la a ele, onde quer que esteja. Diga que veio da sala do correio. Depois é melhor você sair do estúdio e não voltar mais esta tarde. Assim ele não vai ligar os pontos,

*image
not
available*

“Wilcox deve estar doido”, disse Pat, com agressividade. “Não roubei nada. O nome dele está no roteiro, não está? Duas semanas atrás eu arrumei a estrutura toda — cena por cena. Até escrevi uma cena inteira — no final, sobre a guerra.”

“Ah, sim, a guerra”, disse Berners, como se estivesse pensando em outra coisa.

“Mas se você prefere o final do Wilcox...”

“Sim, eu prefiro o final dele. Nunca vi um homem aprender esse ofício tão rápido.” Fez uma pausa. “Pat, você só disse uma verdade desde que entrou nesta sala — que não roubou coisa alguma de Wilcox.”

“Claro que não. Eu *forneci* material para ele.”

Mas um certo abatimento, um mal-estar cinzento, foi tomando conta dele à medida que Berners prosseguia:

“Eu disse a você que tínhamos três roteiros. Você usou um antigo, que tínhamos descartado um ano atrás. Wilcox estava na sala dele quando a sua secretária chegou, e mandou pra você esse roteiro antigo. Esperto, né?”

Pat ficou sem fala.

“Veja só, ele e aquela moça gostam um do outro. Ao que parece, ela datilografou uma peça para ele no último verão.”

“Eles gostam um do outro”, disse Pat, incrédulo. “Ora, ele...”

“Pode parar, Pat. Você já se meteu em encrenca suficiente por hoje.”

“A culpa é dele”, gritou Pat. “Ele não colaborava — e esse tempo todo...”

“... ele estava escrevendo um ótimo roteiro. E certamente vai se virar muito bem se conseguirmos convencê-lo a ficar por aqui e escrever outro.”

Pat não aguentou mais. Pôs-se de pé.

“De todo modo eu te agradeço, Jack”, disse com hesitação. “Telefone para o meu agente se aparecer alguma coisa.” Em seguida disparou de modo súbito e surpreendente em direção à porta.

Pelo interfone, Jack Berners ligou para sala do presidente.

“Já teve a chance de ler?”, perguntou, com um tom de

*image
not
available*

palerma de Chicago caiu na máquina de vento.”

“E o que isso tem a ver comigo?”, perguntou Pat com veemência.

Saiu caminhando, um pouco mais depressa que de costume, ao longo do muro do estúdio, até o ponto em que este fazia divisa com o vasto terreno dos fundos, onde ficavam os cenários externos. Havia um guarda lá, mas muita gente entrava e saía o tempo todo, e Pat se juntou a um desses grupos. Uma vez lá dentro, procuraria Jack e seria dispensado daquela interdição absurda. Ora, ele conhecia aquele lugar desde que as primeiras barracas estavam sendo erguidas, quando aquilo era visto como os confins do deserto.

“Desculpe, senhor. Está com esse grupo?”

“Estou com pressa”, disse Pat. “Perdi minha credencial.”

“Ah é? Bem, até onde eu sei o senhor pode ser um agente à paisana.” Abriu um exemplar de uma revista de fotografia sob o nariz de Pat. “Eu não o deixaria entrar nem se me dissesse que era este Orson Welles aqui.”

II

Há um velho filme de Chaplin sobre um bonde lotado em que a entrada de um homem pela porta de trás obriga outro a ser despejado pela da frente. Uma imagem semelhante vinha à mente de Pat nos dias seguintes sempre que ele pensava em Orson Welles. Welles entrava, Hobby saía. O estúdio nunca tinha barrado Pat antes e, embora Welles estivesse em outra produtora, era como se seu corpo enorme, emergindo impetuosamente do nada, tivesse empurrado Pat para fora dos portões.

“E agora, para onde ir?”, pensou Pat. Tinha trabalhado nos outros estúdios, mas eles não eram o seu. Naquele estúdio ele nunca se sentia desempregado — nos tempos recentes de penúria, chegara a comer refeições de cena em seus sets: metade de uma lagosta fria usada numa cena de *A divina srta. Carstairs*;